

# Família de carroceiro vive em barraco de 20m<sup>2</sup>

Morando há quatro meses na *Vila Esperança*, nome dado porque a invasão começa a ser criada atrás do terreno da Igreja Batista Esperança, o carroceiro José Valcenir da Silva, de 40 anos e a mulher dele, Maria Cresvânia Costa e Sales, de 25 anos, dividem um barraco de 20 metros quadrados com seus quatro filhos pequenos.

Não há camas para todos e a comida é feita em um fogão improvisado em um latão de tinta.

"Antes de morar aqui nós rodamos várias cidades, penando no aluguel. Nós não estamos em inva-

são por gosto não, é porque precisamos", contou Maria Cresvânia.

Ela, como a maioria dos vizinhos, quer a mesma solução dada para a Vila Estrutural para os moradores de *Vila Esperança*.

"Eu não quero sair de Brasília. O governo tem de dar pelo menos um lote pra gente morar com certo conforto", reivindica.

O banho dos filhos de Cresvânia e Valcenir é tomado em bacia.

Darlin, a filha mais velha, com oito anos, ainda não está na escola e ajuda a mãe a cuidar dos demais.

"Não tem como por os meninos

para estudar. A gente não tem dinheiro para uniforme, caderno e livro", justifica a mãe.

## HIGIENE

Para os técnicos da Inspetoria de Saúde de Taguatinga, a mudança da invasão tem de ser feita urgentemente e de forma definitiva.

"Pessoas como a dona Cresvânia moram em condições sub-humanas. Na invasão não há condições higiênico-sanitárias. Isto aqui é um foco de proliferação de doenças que não pode ser

mantido", revelou o chefe da Inspetoria, Cândido Godoy.

Entre os problemas detectados na invasão pela Inspetoria que esteve no local, estão o lixo acumulado em volta dos barracos — o que atrai ratos —, cisternas localizadas abaixo de fossas — contaminando a água por infiltração — e cães sarnentos, que já contagiam alguns moradores.

Segundo estimativa do Serviço de Vigilância do Solo (Siv-Solo), o Distrito Federal tem 25 mil pessoas morando em mais de 150 invasões.